

**DESAFIOS DOS BIBLIOTECÁRIOS PARA A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS
VISANDO AO COMBATE DAS *FAKE NEWS*: UM OLHAR A PARTIR DA
PERSPECTIVA BRASILEIRA COTEJADA COM INICIATIVAS INTERNACIONAIS**

**José Antonio da Silva , Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-7309-2319>**

**Helen de Castro Silva Casarin, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-3997-9207>**

**José Augusto Chaves Guimarães, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-0310-2331>**

RESUMO

Considerando a necessidade de se discutir o papel dos bibliotecários e das bibliotecas no contexto de *fake news*, na atualidade objetiva-se refletir sobre o papel dos profissionais bibliotecário para conter a propagação de notícias falsas. Para tanto, vale-se da literatura brasileira na área, que vem se mostrando bastante profícua, ao que se alia um cotejo com iniciativas de organismos internacionais, como a IFLA e a proposta da Agenda 2030. Os resultados sugerem quatro eixos que atendem ao cotejo internacional: implicações e impactos das *fake news*; consequências, desdobramentos e riscos das *fake news*; processos e meios específicos na promoção de *fake news*; e, por fim, aspectos da Ciência da Informação como ética da informação, paradigma social e fluxos de informação.

Palavras-Chave: Bibliotecários; Competências; *Fake News*. Iniciativas Internacionais.

***DESAFÍOS PARA LAS BIBLIOTECAS PARA CONSTRUIR HABILIDADES PARA COMBATIR LAS NOTICIAS
FALSAS: UNA MIRADA DESDE LA PERSPECTIVA BRASILEÑA RECOPIADA CON INICIATIVAS
INTERNACIONALES***

RESUMEN

Considerando la necesidad de discutir el papel de los bibliotecarios y de las bibliotecas en el contexto de las noticias falsas, el objetivo actual es reflexionar sobre el papel de los bibliotecarios profesionales en la contención de la difusión de noticias falsas. Para ello, utiliza literatura brasileña en el área, que ha demostrado ser bastante fructífera, combinada con una comparación con iniciativas de organismos internacionales, como IFLA y la propuesta de la Agenda 2030. Los resultados sugieren cuatro ejes que sirven para la comparación internacional: implicaciones e impactos de las noticias falsas; consecuencias, consecuencias y riesgos de las noticias falsas; procesos y medios específicos para promover noticias falsas; y, finalmente, aspectos de las Ciencias de la Información como la ética de la información, el paradigma social y los flujos de información.

Palabras-Clave: Bibliotecarios; Habilidades; Noticias Falsas; Iniciativas Internacionales.

***CHALLENGES FOR LIBRARIES TO BUILD SKILLS TO COMBAT FAKE NEWS: A LOOK FROM THE
BRAZILIAN PERSPECTIVE COLLECTED WITH INTERNATIONAL INITIATIVES***

ABSTRACT

Considering the need to discuss the role of librarians and libraries in the context of fake news, the current objective is to reflect on the role of librarian professionals in containing the spread of fake news. To this end, it uses Brazilian literature in the area, which has proven to be quite fruitful, combined with a comparison with initiatives from international organizations, such as IFLA and the 2030 Agenda proposal. The results suggest four axes that serve to international comparison: implications and impacts of fake news; consequences, consequences, and risks of fake news; specific processes and means in promoting fake news; and, finally, aspects of Information Science such as information ethics, social paradigm, and information flows.

Keywords: Librarians; Skills; Fake News; International Initiatives.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno de *fake news*, como elemento de desinformação, transversaliza diferentes núcleos da sociedade, causando ameaças das mais diversas ordens, desde a orientação sobre a saúde do cidadão até a sobrevivência do Estado Democrático de Direito. Em um sofisticado e engenhoso esquema de “aparência de verdade”, traz efetivas preocupações à Ciência da Informação, uma vez que as atividades voltadas à coleta, armazenamento, organização e disseminação da informação em contextos institucionais se tornam mais complexas, pois passam a exigir um olhar mais atento sobre a confiabilidade da informação ali tratada.

Podendo ser genericamente traduzido como “notícias falsas” (Sampaio, 2022), o termo *fake news* veio à tona notadamente a partir de um conjunto de estratégias utilizadas durante as eleições presidenciais, nos Estados Unidos, em 2016, contando com forte apoio nas redes sociais para promover um candidato em detrimento de outro. Atualmente, esse fenômeno se encontra fortemente disseminado, em especial no contexto digital, e se refere a conteúdos ampla e rapidamente veiculados de distintas formas, com claro propósito de confundir os cidadãos por meio de informações aparentemente atraentes, mas enganosas, gerando ganhos financeiros ou políticos e muitas vezes induzindo o leitor a erro.

Tem-se, assim, um ambiente de distorção, mentira, boato, manipulação e indiferença sobre fatos e informações em uma narrativa unilateral que se expressa como uma verdade fundamental, indiscutível e com forte poder persuasivo. Nesse contexto, a ausência de critérios para avaliação crítica do grau de veracidade de uma informação pode levar ao perigoso extremo de monumentalizar o senso comum como fonte de verdade (Allcott; Gentzkow, 2017; Beck, 2017; Zuckerman, 2017; Barros: Silva, 2020; Estabel; Luci; Santini, 2020; Neves; Borges, 2020).

O crescimento das possibilidades de disponibilização, acesso e compartilhamento de informação em redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas gerou uma necessidade cada vez mais premente de os pesquisadores e profissionais da informação avaliarem a qualidade, a procedência e a credibilidade da informação. E isto representa um desafio, pois exige o desenvolvimento de competências informacionais cada vez mais complexas e sofisticadas (Terra & Sá, 2012; Leite & Matos, 2017), uma vez que a “ausência de critérios de credibilidade na produção e disseminação da informação facilita o avanço de *fake news*” (Santos & Santos, 2022, pp.190). Ademais, uma das características mais marcantes de *fake news* reside na verossimilhança (aparência de verdade), de forma e conteúdo, com fontes tradicionais e credíveis, muitas vezes articulando-se com coerência, mas sem lastro na realidade.

Desse modo, torna-se necessário discutir o papel dos bibliotecários – e de seu *locus* de atuação, a biblioteca – como agentes capazes de combater as *fake news* por meio de uma reflexão que envolve três perspectivas: (1) as competências necessárias desses profissionais; (2) as iniciativas internacionais que promovem orientações contra notícias falsas; e (3) a produção brasileira associada ao campo da Ciência da Informação. Acredita-se, pois, que a atuação do bibliotecário pode colaborar significativamente para a contenção do avanço sistêmico e desordenado da desinformação oriunda de *fake news*.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir do universo científico brasileiro de Ciência da Informação, realizou-se busca na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação - BRAPCI, em setembro de 2022, considerando a presença efetiva do termo “*fake news*” no título dos artigos, chegando-se a um conjunto de 48 documentos, publicados entre 2018 e 2022. Procedeu-se à análise de conteúdo (Bardin, 2013) do *corpus* de modo a identificar

Assim, e indagando sobre os desafios e perspectivas de atuação desses bibliotecários no contexto de ascensão de *fake news*, especialmente face aos acordos estratégicos internacionais decorrentes da Agenda 2030 (ONU, 2015), o presente artigo tem por objetivo geral refletir sobre a atuação dos profissionais bibliotecários para conter a propagação de notícias falsas, a partir da literatura brasileira na área (que vem se mostrando bastante profícua) e em cotejo com iniciativas de organismos internacionais.

categorias e subcategorias temáticas dessa literatura e, em seguida, os dados foram cotejados com os documentos da IFLA (2016; 2019) e da Unesco (2021) sobre as competências demandadas para fazer frente às *fake news* como subsídio ao desenvolvimento de uma reflexão acerca das formas de combate a esse fenômeno, em especial no âmbito dos objetivos de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 da ONU (2015).

3 INICIATIVAS INTERNACIONAIS – IFLA E AGENDA 2030 PELA PROMOÇÃO DA COMPETÊNCIA E DO ACESSO CONTRA *FAKE NEWS*

A *International Federation of Library Associations* disponibilizou, em 2016, um infográfico que ajuda na identificação de *fake news*, atualizado em 2019, notadamente por conta dos novos desafios trazidos pelo contexto da pandemia da Covid-19, contendo as recomendações (IFLA, 2019) que traduzem “[...] a urgente necessidade de uma reflexão de natureza ética”, de tal modo que os saberes e fazeres profissionais sejam sempre permeados por “valores de confiabilidade, procedência, atualidade e robustez da informação” (Dalessandro, 2022, p. 24). Desse modo, dispõe o infográfico:

Considere a fonte: Existe um autor?
Confira suas credenciais sobre questões relevantes; É preconceito?
Avalie se seus valores próprios e crenças podem afetar seu julgamento; Leia mais: As manchetes

podem ser ultrajantes em um esforço para obter cliques. Qual é a história toda?; Há fontes de apoio?: Clique nos links ou verifique com fontes oficiais. Eles apoiam a história?; Isso é uma piada?: Caso seja muito estranho, pode ser uma sátira. Pesquise a fonte para ter certeza; Consulte especialistas: Pergunte a um bibliotecário ou consulte um site de verificação de fatos ou fonte oficial como a OMS.; Outros concordam?; Existem outros sites denunciando isso? Quais fontes eles estão citando?; e Olhe antes de compartilhar: Não compartilhe postagens ou histórias que você não tenha checado primeiro! (IFLA, 2019).

Esse documento integra um conjunto que pode subsidiar o desenvolvimento de competências informacionais específicas para

o combate a *fake news* no sentido de se instrumentalizarem profissionais da informação e usuários a recorrerem às informações nas distintas fontes e, principalmente, para utilizarem proficientemente as tecnologias digitais que permitam chegar à informação desejada e avaliá-la com criticidade mínima.

Tais competências, em tempos de informação globalizada e com o advento de *fake news*, tornam-se instrumento nuclear para reforçar as barreiras contra a desinformação. No entanto, há uma ênfase da competência em informação no processo de busca, incluindo as etapas de identificação da necessidade de informação, definição das palavras-chave que representam o assunto para a realização da busca, escolha e consulta às fontes de informação, mais associada a contextos formais de circulação da informação, como o representado no modelo “*The communication of scholarly information*” da Unisist, revisitado por Hjørland (2008), que abrange a internet e fontes de informações formais utilizadas principalmente em ambientes acadêmicos e de pesquisa científica.

Nesses contextos, a avaliação da informação e de suas fontes seguem critérios que consideram, em particular, os metadados dos documentos, como: o autor e/ou entidade publicadora, atualidade, adequação do nível do conteúdo e pertinência à necessidade de informação. No entanto, esse conjunto de critérios não se mostra suficiente para enfrentar *fake news*, desinformação e suas derivações. Com a ampliação do uso da internet 2.0 e, em particular, com a popularização das mídias sociais, houve a necessidade de um redirecionamento da atenção dos profissionais da informação, antes voltada para as fontes de informação formais e institucionalizadas, para um contexto mais horizontalizado de produção, consumo e difusão da informação e, conseqüentemente, marcado pela desintermediação das unidades de informação.

Ademais, há de se considerar que o perfil do usuário se modificou, visto que o produtor de informação, antes mais voltado a pesquisadores e acadêmicos, passou a abarcar

também aqueles que eram considerados consumidores. Desta forma, pessoas comuns passaram a ser também criadores e difusores de informações dos mais variados tipos, propósitos, graus de profundidade e precisão. Assim, a informação passou a circular, ser disseminada e consumida sem qualquer controle ou intermediação, motivo pelo qual Mackey e Jacobson (2011) chamam atenção para a necessidade de se ampliar o escopo da competência em informação para o contexto das mídias digitais e ambientes colaborativos, locais onde as *fake news* surgem e se propagam.

A publicação do documento “*Media and information literacy curriculum for teachers*” pela Unesco (2011) representou um marco importante, ao apresentar uma proposta de um currículo sobre o tema. Especificamente em relação à avaliação das informações veiculadas por canais midiáticos, o documento ressalta que, além das listas de itens considerados na avaliação de fontes de informação tradicionais, deve-se considerar também aspectos como problemas éticos e interesses políticos e ideológicos relacionados à veiculação das informações (Cerigatto & Casarin, 2017). Segundo Wilson (2014), é necessária uma leitura crítica de conteúdos informativos disseminados pelas mídias e a consideração do contexto de produção e do canal através do qual essas informações são transmitidas. Porém, neste período, havia o predomínio das mídias tradicionais.

Mais recentemente, acompanhando a expansão das TDIC para as diferentes esferas da vida cotidiana e a popularização das mídias sociais, outros referenciais sobre a competência em informação e outras competências a ela associadas foram surgindo (Marzal, 2020; Brisola, 2021). De Paor e Heravi (2020) ressaltam que, dada a complexidade das *fake news*, embora a competência em informação possua contribuições importantes para sua mitigação, um combate mais efetivo requer a combinação de outras competências, incluindo a digital e a midiática, entre outras.

Nessa seara, em 2021, a Unesco publicou uma nova versão do documento *Media and Information Literacy (MIL)* (Unesco,

2021), que ressalta o fato de o combate à desinformação demandar competências de natureza crítica, midiática, digital e informacional. Valendo-se do termo “conteúdo falso ou enganoso” (*false or misleading content*), o MIL (2021) tem como um de seus objetivos capacitar os indivíduos para avaliar criticamente informações, conteúdos de mídia e digitais, de modo a que possa:

[...] acessar, analisar, comparar e avaliar a informação e as mídias, a partir de critérios para o acesso da informação encontrada e/ou recebida; pode identificar e desmascarar casos de desinformação tais como as teorias de conspiração; pode também avaliar criticamente os provedores de informação em questões relativas a autenticidade, autoridade, credibilidade e propósitos atuais, pesando as oportunidades e os riscos potenciais (Unesco, 2021, pp.17).

Vale destacar o importante papel dos bibliotecários no combate à desinformação – e a *fake news* – por meio da formação de usuários (Eva & Shea, 2018), seja em ambientes de ensino formal (universidades, escolas etc.) seja em bibliotecas públicas, e a situações não formais de ensino. Para tanto, o currículo proposto pela MIL centra-se em três dimensões: 1 – Conhecimento e compreensão da informação, mídia e comunicação digital, para o desenvolvimento sustentável, paz e discursos democráticos e participação social; 2 – Avaliação de conteúdo e instituições relacionadas; e 3 – Produção e uso de conteúdo. Especial destaque merece o item 2, dedicado exclusivamente à questão da avaliação das informações e de seus provedores e diretamente relacionado ao combate às *fake news*. Para tanto, o documento propõe que a realização da avaliação das informações seja baseada na análise textual e contextual dos itens.

O documento (Unesco, 2021) também apresenta os módulos de curso sobre MIL que detalham os conteúdos a serem abordados. Assim, o módulo 4 é dedicado às “*Competencies to Tackle Misinformation and Hate Speech*”, englobando o exame de

diferentes tipos de *misinformation* e a reflexão sobre o impacto das informações falsas ou enganosas (*false and misleading*) para a desconfiança, a segregação e a intolerância.

Agrega-se a essa discussão, por fim, o papel das instituições e suas responsabilidades sobre *fake news*. Enquanto “estruturas socialmente construídas, perenes, que condicionam a ação de indivíduos e grupos”, as instituições pressupõem práticas reiteradas entre seus integrantes, ao que se aliam normas formais e regras de conduta (Couto, 2018, pp. 480). Nesse sentido, as instituições de informação pressupõem espaços voltados à organização, à recuperação e à disseminação de informação, que se efetivam nas denominadas “unidades de informação”.

Segundo Macedo e Ortega (2019, pp. 329), com base nas reflexões de Belluzzo (2007), as unidades de informação, como arquivos, bibliotecas, museus, sistemas, serviços e núcleos de informação, centros de documentação e outros têm por intuito precípuo “ofertar produtos e serviços que permitam aos seus usuários o acesso às fontes de informação, que atenderão às suas necessidades informacionais específicas”.

Essa questão, por sua vez, insere-se mais efetivamente no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – ODS nº 16 da Agenda 2030 da ONU – Paz, justiça e instituições fortes – que busca “promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas a todos os níveis” (ONU Brasil, 2021), em cujas metas tem-se a promoção da informação para redução de violência e de mortalidade, evitar o abuso, a exploração e o tráfico de pessoas, promover o Estado de Direito e a igualdade de acesso à justiça, combater o crime organizado e a corrupção, desenvolver instituições eficazes, responsáveis e transparentes, assegurar o acesso público à informação, e fortalecer a cooperação internacional (ONU Brasil, 2021).

Especificamente no que tange às “instituições coletoras de cultura” (Homulos,

1990), responsáveis por uma “gestão institucional de saberes” (Fernandes, 1996), os arquivos, bibliotecas e museus têm por função social precípua garantir à informação uma efetiva portabilidade no espaço e permanência no tempo (Smit & Barreto, 2001). E é exatamente no âmbito da função social dessas instituições que o objetivo 16 dos ODS da Agenda 2030 encontra especial relevância.

No que se refere às bibliotecas, há de se recordar que uma das metas do ODS 16 consiste, como já destacado, em garantir o acesso público à informação, essencial “para uma participação social autêntica, especialmente na garantia da igualdade e do empoderamento dos sujeitos diante das situações sociais” (Costa, Moreira, & Oliveira, 2021, pp. 97). Nesse sentido, e especialmente considerando que cerca de metade da população mundial não dispõe de acesso em linha à informação, fica extremamente prejudicado o acesso público à informação e, conseqüentemente, o suporte à tomada de decisões pelos cidadãos.

Em outra meta, relativa à formação de instituições eficazes, cabe incentivar as bibliotecas a “[...] promoverem sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionando o acesso à justiça para todos e construindo instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis” (IFLA, 2016, pp. 21). Assim, em uma sociedade

4 PERSPECTIVA ACADÊMICA BRASILEIRA

Fundamentados na reflexão proposta pela IFLA e no contexto promovido em função dos objetivos de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030, especialmente na correspondência do universo científico brasileiro de Ciência da Informação à luz das referidas iniciativas internacionais, pesquisou-se, na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação - BRAPCI, a palavra-chave “fake news”. Considerado o período 2018-2022, buscou-se recuperar textos da base para que criássemos categorias que corresponderem às propostas internacionais anti-*fake news*, notadamente o disposto pela IFLA – como organismo que representa as bibliotecas e a profissão – e a Agenda 2030 –

que não raras vezes gera marginalizações, a biblioteca atua na mão inversa – a do acolhimento – em especial se levarmos em conta contextos locais em regiões distantes dos grandes centros pois atuam como veículos para que as políticas, princípios e determinações normativas possam se concretizar (Santa Anna & Costa, 2020). Tem-se, aqui, o papel das bibliotecas no desenvolvimento de ações “que garantam a formação de uma sociedade mais igualitária, rompendo discriminações e preconceitos em prol da igualdade social”, com ações voltadas para acessibilidade “para acolhimento aos que apresentam algum tipo de condição específica, seja ela física e/ou intelectual” (Mariano, Santa Anna, & Brandão, 2021, pp. 2).

Em suma, pode-se dizer que o fortalecimento da instituição biblioteca – e, por conseguinte, de seus profissionais – pode refletir em ações anti-*fake news*, colaborando para uma cultura de paz, como prescrevem as diretrizes da agenda que se alinham à proposta da IFLA. A paz, no contexto das *fake news*, está em risco, na medida em que a violência informacional gerada por um contexto de desinformação e manipulação ataca elementos constituintes de uma sociedade livre e, sobretudo, corrói direitos humanos fundamentais, dentre eles aqueles de natureza informacional, sobre os quais a Ciência da Informação pode atuar.

que denota uma série de objetivos sensíveis à sociedade – traduzidos em metas estratégicas que podem se ancorar ao contexto informacional como medida profilática contra a desinformação e sua nuclear origem: as *fake news*.

Desse modo, e conforme previsto na seção metodológica desta pesquisa, procedeu-se à análise de conteúdo (Bardin, 2013) do *corpus* de modo a identificar categorias e subcategorias temáticas da literatura recuperada na BRAPCI, que discutiam *fake news* em um universo de desinformação e de pós-verdade, a saber:

1º) Implicações e impactos das *fake news* em distintas áreas do conhecimento:

- Na saúde (Silva & Melo, 2020; Waisbord; 2020; Araújo, Mota, & Oliveira, 2020; Fernandes & Montuori, 2020; Ribeiro & Martinuzzo, 2021; Falcão & Souza, 2021; Guimarães & Dalessandro, 2021; Santana & Simeão, 2021; Santos, et al., 2021; Melo, et al., 2021; Ferreira, Lima, & Souza, 2021; Souza & Valentim, 2022);
- Na economia (Albuquerque, 2021);
- Na história (Bonsanto, 2021);
- Na educação (Santos, et al., 2021; Santos, Souza, & Lima, 2022);
- Na política (Albuquerque, 2020; Albuquerque, 2021);
- Na ciência (Carvalho & Mateus, 2018; Dalessandro, Castanha, & Veronez, 2020; Albuquerque, 2020);
- No meio ambiente (Pinheiro, 2022); e
- No combate à corrupção (Domingos, 2021).

2º) Consequências, desdobramentos e riscos da *fake news*:

- À democracia (Caldas & Caldas, 2019; Ottonicar et al., 2021);
- À vida (Teixeira; Costa, 2020);
- Ao caos social (Ferreira, Lima, & Souza, 2021);
- À violência (Sanhotene, 2021);
- À censura (Ruberto, & Silva, 2018); e
- Às estruturas de poder (Cotrim Junior, Silva & Cotrim, 2022).

3º) Processos e meios específicos na promoção de *fake news*:

- Viralização (Leite & Canto, 2019);
- Hipermediação algorítmica (Alvaro, 2018);

- Infodemia (Ribeiro & Martinuzzo, 2021; Wilke, 2021; Ferreira, Lima & Souza, 2021); e
- Mídias sociais em geral (Neves, 2019; Neves & Borges, 2020; Barros & Silva, 2020; Silva, Lopes & Silva, 2020).

No âmbito específico da Ciência da Informação, tem-se aspectos relativos a:

- Ética da informação (Targino & Cavalcante, 2020);
- Paradigma social (Tobias & Correa, 2019);
- Atuação do bibliotecário (Martha et al., 2019; Silva & Tanus, 2019; Neves, 2019; Araújo & Vogel, 2021; Santos, Souza, & Lima, 2022);
- Impactos nas fontes de informação (Paula & Blanco, 2018);
- Impactos nos fluxos de informação (Coviello & Francisco, 2021);
- Impactos na disseminação da informação (Oliveira, 2018);
- Impactos no comportamento informacional (Sastre & Carvalho, 2018; Santos & Santos, 2022);
- Impactos na competência informacional (Santos, Melo, & Carvalho, 2018; Ottonicar et al., 2021);
- Impactos no letramento em informação (Estabel, Luce, & Santini, 2020).

Assim sendo, observa-se que os itens recuperados foram tematicamente categorizados em quatro grupos. O primeiro refere-se às implicações e impactos em distintas áreas do conhecimento: na saúde; na economia; na história; na educação; na política; na ciência; no meio ambiente e no combate à corrupção. Em uma outra vertente, têm-se as consequências, desdobramentos e riscos: à democracia; à vida; ao caos social; à violência; à censura e às estruturas de poder. Essa temática, por sua vez, é objeto de processos e meios específicos, como a

viralização; a hipermediação algorítmica; a infodemia e as mídias sociais em geral. No âmbito específico da Ciência da Informação, a literatura brasileira sobre *fake news* refere-se à ética da informação; ao paradigma social; à atuação do bibliotecário e aos impactos: nas fontes de informação; nos fluxos de informação; na disseminação da informação; no comportamento informacional; e na competência e no letramento informacional.

Cabe destacar, dentre as quatro categorias, o volume de discussões sobre o aspecto “saúde”, na categoria “1”, que reflete o desafiante período pandêmico iniciado em 2020 e a propagação de informações falsas, especialmente no que diz respeito ao negacionismo em voga naquele momento na sociedade brasileira. Destacam-se ainda discussões que ajudam na reflexão e, por

consequente, no combate às *fake news*: que permeiam a democracia – que pode ser discutida a partir dos efeitos informacionais decorrentes de notícias inverídicas, conforme categoria “2”; que atuam no grande fluxo de informação com a emergência da infodemia, como discorre a categoria “3”; e, por fim, que atuam de modo diverso – dando a dimensão de muitas abordagens que podem fazer parte das discussões da Ciência da Informação, de seus profissionais (como os bibliotecários) e de suas instituições (como as bibliotecas) como “antídoto” para as *fake news* – como na categoria “4”. Com isso, observa-se o alinhamento entre as pesquisas brasileiras que se enquadram às medidas propostas pela IFLA e pela Agenda 2030, como norteadora estratégica para a paz em todos os campos, dentre eles os desafios de natureza informacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontamos nesta pesquisa, há muitos desafios para bibliotecas e bibliotecários na formação de competências sólidas na era da forte ecologia a favor das *fake news*. Contudo, a discussão sobre a competência desses profissionais – observadas a produção brasileira e duas importantes iniciativas internacionais que nos levam à reflexão – preconiza ações preventivas dos bibliotecários relativas a conferências sobre a fonte, o contexto da matéria, os posicionamentos oficiais a respeito, ao que se alia a necessidade de consulta a especialistas e de verificação de opiniões divergentes, entre outros aspectos. Nesse mesmo sentido, destaca-se o fato de o combate à desinformação – oriunda de *fake news* – demandar competências de natureza crítica, midiática, digital e informacional de modo a capacitar os indivíduos para avaliar criticamente informações, conteúdos de mídia e digitais, como aponta o MIL.

Trazendo esse desafio das bibliotecas para o contexto da Agenda 2030 da ONU (2015) e considerando que as bibliotecas proporcionam estrutura física, documental e tecnológica para o desenvolvimento de “habilidades para utilizar eficazmente a

informação e preservá-la com o fim de assegurar acesso contínuo às futuras gerações bem como a preservação da memória coletiva ou social”, é necessário que essas instituições estejam cada vez mais voltadas para o desenvolvimento de competências dos usuários para que estes possam “acessar, analisar, comparar e avaliar informações obtidas de diferentes fontes, inclusive para desmascarar casos de desinformação” (Santini, 2016; Ramirez, Hernández, & Coello, 2019, pp.8).

Tal aspecto assume capital importância, em especial nestes tempos de intensa proliferação de *fake news*, fruto de uma estratégia minuciosa, premeditada, engenhosa e competentemente planejada e executada, desenvolvendo-se em um processo dinâmico e em constante modificação, cuja produção pode estar a cargo de atores diversos, sejam eles cidadãos individualmente considerados, ou mesmo instituições ou agentes públicos. Cabe à Ciência da Informação refletir e adotar meios para frear este cenário, a partir do desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, que favorecem o pensamento crítico e ajudam na construção de processos éticos com foco na integridade da informação.

6 REFERÊNCIAS

- Allcott, Hunt; Gentzkow, Matthew. (2017). Social Media and Fake News in the 2016 Election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(3), 211-236. <https://web.stanford.edu/~gentzkow/research/fakenews.pdf>.
- Barros, G. G.; Silva, G. R. (2020). Fake news no facebook. *Biblionline*, 16(1), 79-94.
- Brisola, Anna Cristina C. (2021). Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas. Tese - Doutorado em Ciência da Informação, IBICT/UFRJ.
- Cerigatto, M. & Casarin, H. (2017). As mídias como fonte de informação: aspectos para uma avaliação crítica. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 13, 155-176.
- Costa, M., Moreira, C., & Oliveira, D. (set./dez. 2021). Acessibilidade em Bibliotecas, no horizonte da Agenda 2030: reflexões necessárias. *Folha de Rosto*, 7(3), 86-113.
- Couto, C. (2018). Instituições Políticas. In G. Giovanni & M.A. Nogueira (orgs.). *Dicionário de Políticas Públicas*. Editora UNESP.
- Dalessandro, R. & Guimarães, J. A. (2022). Challenges for Subject Categorization of Fake News about COVID-19 in Brazil: Knowledge Organization against Disinformation. In M. Lykke, & et al. (ed.) *Knowledge Organization across Disciplines, Domains, Services, and Technologies*. Ergon, pp.321-330.
- Dalessandro, R. (2022). O impacto das fake news na atuação do profissional da informação: um estudo a partir da produção científica internacional em Ciência da Informação. UNESP. (Relatório de Qualificação de Doutorado – PPGCI – UNESP).
- De Paor, S. & Heravi, B. (2020). Information literacy and fake news: How the field of librarianship can help combat the epidemic of fake news. *The Journal of Academic Librarianship*, 46(5), 102218. <https://doi.org/10.1016/j.acalib.2020.102218>.
- Estabel, L., Luce, B., & Santini, L. (2020). Idosos, fake news e letramento informacional. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 16, 1-15.
- Eva, N. & Shea, E. (2018). Marketing libraries in an era of “fake news”. *Reference & User Services Quarterly*, 57(3), 168-171.
- Guimarães, J. A. & Dalessandro, R. (2021). As fake news em um contexto de pandemia pelo coronavírus. *Informação em Pauta*, 6(Especial), 24-44.
- Hjørland, B. (2008). Information literacy and digital literacy. *Prisma.com*, 7, 4-15.
- Leite, L. & Matos, J. C. (2017). Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 13(esp.) 2334-2349. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/918>.
- Macedo, S. & Ortega, C. (maio/ago. 2019). Em Questão, 25(2) 326-347. <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/113944>.
- Mackey, T. & Jacobson, T. (2011). Reframing information literacy as a metaliteracy. *College & research libraries*, 72(1) 62-78.
- Mariano, P. R. (2021). Santa Anna, Jorge. Brandão, Tatiana Soares. *Biblioteca Pública de Lagoa Santa e a Agenda 2030: o Projeto Sala Braille como uma iniciativa de inclusão*. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 17, 1-28.
- Marzal, M. Á. (2020). A taxonomic proposal for multiliteracies and their competences. *Profesional de la información*, 29(4). <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/82785>.

- Neves, B. C.; Lima, J. B. (2020). Por que as fake news têm espaço nas mídias sociais?. *Informação & Sociedade*, 30(2).
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. (2015). Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>.
- Ramirez, K., Hernández, Y., & Coello, R. (sep./dic., 2019). Alfabetización informacional para el grupo etario. *Tercera edad*, 50(3).
- Sampaio, R. (2022). Fake News. In J. Szwako & J. L. Ratton (orgs.). *Dicionário dos Negacionismos no Brasil*. CEPE, pp.133-136.
- Santa Anna, J. & Costa, M. E. (ago./dez., 2020). Associação de Bibliotecários e A Agenda 2030: A contribuição social das bibliotecas no estado de Minas Gerais. *Revista ACB*, 25(2), 509-530.
- Santini, L. (2016). A biblioteca como espaço-tempo de aprendizagens e de desenvolvimento da competência informacional. Dissertação - Mestrado em Educação. Centro Universitário La Salle, Canoas. <http://repositorio.unilasalle.edu.br/handle/11690/722>.
- Santos, J. & Santos, A. (2022). O comportamento informacional frente às fake news: um estudo com administradores(as) do grupo “Bibliotecários do Brasil” no Facebook. *Revista Folha de Rosto*, 8(1), 188-206.
- Terra, A. L. & Sá, S. (2012). Tudo o que vem à rede é peixe?: a credibilidade da informação na web. *ACTAS*, 11. <https://core.ac.uk/download/pdf/47140515.pdf>.
- UNESCO. MIL ALLIANCE: media and information literacy for all. (2011). <https://en.unesco.org/themes/media-and-information-literacy/gapmil/about>.
- Wilson, C., & et al. (2011). Media and information literacy curriculum for teachers. Unesco.
- Zuckerman, Ethan. (2017). Fake news is a red herring. *Deutsche Welle*, 25 jan. <https://www.dw.com/en/fake-news-is-a-red-herring/a-37269377>.